

O uso da flauta doce como recurso pedagógico no processo ensino aprendizagem em música

Vanessa Poleze Barbosa
UFES
poleze.vanessa@gmail.com

Lilia do Amaral Manfrinato Justi
UFES
lilia4justi@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre o ensino de música nas séries iniciais do Ensino Fundamental na Educação Básica. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o uso da flauta doce como recurso pedagógico considerando a imitação, baseada em estudos de Jean Piaget, e atividades lúdicas como ponto de partida para o ensino da música. No universo das atividades lúdicas nos interessa particularmente a atividade criativa a partir de elementos musicais já interiorizados pela criança e que favoreçam a construção do conhecimento de forma autônoma, a partir de suas descobertas ao usar a flauta doce. Sobre a imitação, nos interessa identificar, através da decalagem horizontal, conceito criado por Piaget, a relação desse aspecto na construção do conhecimento musical.

Palavras chave: imitação, flauta doce, atividades lúdicas.

A flauta doce na construção do conhecimento musical em crianças

Este trabalho propõe divulgar a pesquisa bibliográfica, com enfoque qualitativo sobre o uso da flauta doce como recurso pedagógico, tomando a atividade de imitação e as atividades lúdicas como ponto de partida para o ensino de música. Tal pesquisa visa construir um corpo teórico para refletir sobre minha experiência didática com crianças de 6 a 10 anos de idade no PIBID¹ Música na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) entre 2012 e 2014.

Trabalhando como professora de flauta doce nas oficinas do PIBID durante esses dois anos, pude perceber que nas primeiras aulas algumas crianças procuravam imitar como eu tocava, antes mesmo de eu lhes ensinar alguma técnica. Diante disso, comecei a trabalhar com atividades de imitação, procurando entender como se dá o processo de construção do conhecimento musical através da imitação em crianças dessa idade. A partir da constatação de

¹ PIBID é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência. Este programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação a docência desenvolvidos por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

que tais atividades constituem uma brincadeira, estimulando o aspecto lúdico destas crianças, pretendo verificar se a bibliografia explica a importância delas no desenvolvimento técnico do aluno de flauta doce.

Acredito que, por ser um instrumento de fácil acesso, o seu uso pode garantir uma melhor vivência dos parâmetros sonoros tais como: altura (agudo, médio, grave), intensidade (forte, fraco), timbre sonoro (a característica de cada som, o que nos faz diferenciar as vozes e os instrumentos) e duração dos valores proporcionais (longo e curto). Acredito que construir esquemas cognitivos para assimilar estes parâmetros contribui para a construção de conhecimentos básicos em música pelo sujeito.

Piaget (1978) nos ensina que o sujeito constrói conhecimento na interação com os objetos, portanto, ao interagir com a flauta, tocando, a criança pode descobrir as limitações e possibilidades sonoras que este objeto lhe proporciona ao brincar com ele. Nesta atividade exploratória ela não só interage com a flauta, mas também com um objeto mais complexo que é a música. Na atividade com novos objetos, podem ocorrer duas formas básicas de adaptação cognitiva: a assimilação e a acomodação, conceitos teóricos criados por Jean Piaget.

No período sensório-motor, de 0 a 2 anos Piaget (1978) observou que o comportamento de crianças desta idade se caracteriza pelo que ele chamou de jogo ou imitação. Às vezes predomina a assimilação sobre a acomodação, caracterizando o jogo; às vezes predomina a acomodação sobre a assimilação, caracterizando a imitação. Estes dois modos de se relacionar com o meio são construções da inteligência da criança que se mantêm para o resto da vida, e que permitem que ela construa esquemas sensório-motores, esquemas operatórios e esquemas formais.

A partir de uma investigação realizada para compreender como se dá a construção do conhecimento musical em crianças de 5 e 7 anos, Deckert encontrou a resposta no conceito da decalagem horizontal, criado por Piaget. A decalagem horizontal é o processo em que, para a criança construir a linguagem musical, primeiro ela “construirá operações com um outro conteúdo com o qual não havia tido contato anteriormente: a música (Deckert, 2008, p. 95). Isto significa que ela precisa passar pelos mesmos processos cognitivos que levou à linguagem verbal, só que agora ela irá decodificar a linguagem da música. Nessa pesquisa ela observou que

[...] as criações musicais feitas por crianças que haviam experimentado inúmeras atividades musicais, dentre elas as que lhe davam oportunidade de participar de jogos imitativos, resultavam em um fazer musical mais elaborado do que o das crianças que não realizavam tais atividades. (DEKERT, 2008, p. 93).

Justi (2013) concorda com Deckert (2008) quanto ao processo de decalagem horizontal, em que “[...] num primeiro contato com a música, a criança precisa utilizar sua inteligência sensório-motora no contato direto com os sons e com as estruturas musicais” (Justi, 2013, p. 05).

Quando a criança revive esses processos cognitivos, mesmo que mais rapidamente, ela reorganiza suas experiências e seu pensamento para uma nova linguagem, a música. Neste sentido é necessário que as atividades musicais se iniciem através do “fazer”, para que o sujeito consiga, através de sua ação sobre o objeto, “criar imagens mentais resultantes do conjunto de todas as sensações que ela tem ao fazer música, e que inclui o som, o movimento, o tato sobre o instrumento, a emoção resultante da experiência, etc.” (Justi, em comunicação pessoal, em 29/09/2014).

Piaget (1978b, p. 176) descreve o “fazer” como “compreender em ação uma dada situação em grau suficiente para atingir os fins propostos” e se trata de coordenar movimentos. Do “fazer” por tomadas de consciência a criança passa a “compreender” que “é conseguir dominar, em pensamento, as mesmas situações até poder resolver os problemas por elas levantados, em relação ao porquê e ao como das ligações constatadas e, por outro lado, utilizadas na ação” (PIAGET, 1978b, p. 176 apud Dekert, 2008, p. 100).

Quando a criança coloca a flauta na boca com intenção de explorar o que há de interessante nesse objeto ela poderá descobrir que ao soprar dentro da flauta pode sair um som, e isso independe de ter aprendido qualquer técnica anteriormente. Depois de um tempo com o instrumento ela se interessa em colocar os dedos nos orifícios com uma intenção mais elaborada para se tocar, ou apenas observa outra pessoa tocando e tenta imitar. Depois de fazer isso ela começa a tocar dizendo que está tocando uma música. Interpretamos este exercício de exploração como uma decalagem que caracteriza o jogo de exercício presente na gênese do jogo. Já quando brinca de “estar tocando uma música”, mas que na verdade são apenas sons soltos, identificamos aí um simbolismo lúdico, fase seguinte ao jogo de exercício, na qual o sujeito passa a encarar os objetos como significantes sem vínculo com o real. Assim, nestas brincadeiras, a criança não percebe que o que está tocando não é a música que

está em sua memória, porque sua percepção do real ainda é defasada, mas na medida em que ela vai agindo sobre a flauta doce “fazendo” música, sua percepção vai ficando cada vez mais elaborada e ela então começa a observar detalhes na sua ação que precisam mudar, ou seja, para se tocar uma melodia conhecida é necessário que se combine o abrir e o fechar de alguns orifícios, descobrindo então as notas musicais.

Crianças que exercem atividades lúdicas, com frequência processam suas informações mais rapidamente no plano do pensamento representativo. “O símbolo evoluiu no jogo infantil graças às funções de representação que se desenvolvem consoantes com estruturação da inteligência intuitiva.” (BRENELLI, 2011 p. 91).

Metodologia

Este trabalho tem por base minhas primeiras experiências com 15 crianças de 6 a 10 anos de idade realizada em 2012 nas oficinas de flauta doce do PIBID Música na EMEF Experimental de Vitória – ES.

Para entender o processo de imitação que as crianças utilizam ao aprender música na flauta doce e como as brincadeiras lúdicas são consideradas por elas importantes, busquei na revisão de literatura as informações que me esclarecessem tais condutas.

Sobre a imitação, eu pude observar o que posteriormente identifiquei na explicação dada por Deckert (2008), ou seja, “na maioria dos sujeitos há indícios de condutas características de mais de uma fase da imitação, o que parece indicar que em alguns momentos eles usam os esquemas de que já dispõem e que desenvolveram no período sensório-motor”. (DECKERT 2008, p. 100)

Tal confirmação teórica me leva a crer que é imprescindível a ação da criança sobre o seu instrumento, para compreender como “acontece o som”, ou seja, “deve haver ação antes de haver compreensão para uma construção de conhecimento efetiva do aluno sobre o objeto “som” (DECKERT 2008, p. 101)

Nesse contexto, a criança transforma seu aprendizado quase sempre em brincadeiras, e isso está atrelado ao seu desenvolvimento cognitivo e sua organização mental. (BRENELLI, 2011 p. 87)

A brincadeira faz parte da cultura infantil. “Através do brincar a criança se relaciona com a realidade, diferenciando seu mundo interior, fantasias, desejos e imaginação do seu

mundo exterior, que é a realidade por todos compartilhada. [...] Através do brincar que ela se comunica.” (Maluf, 2003 apud Souza, 2008, p. 76).

Considerações finais

Para as crianças aprenderem a linguagem musical elas devem passar pela construção dos esquemas sensório-motores “para, posteriormente, ser possível construir esquemas compatíveis com as estruturas operatórias e formais em outros estágios de seu desenvolvimento musical.” (Justi, em comunicação pessoal, em 29/09/2014).

A flauta doce é um instrumento que possibilita habilidades sensório-motoras ainda não conhecidas pela criança, imaginações ainda não pensadas, novas brincadeiras, novas condutas, novas representações mentais. Tocar um instrumento não é privilégio dos adultos e toda criança pode desenvolver competências musicais com uma prática regular e orientada.

Portanto, ao propor atividades de exploração, seguidas de imitação de sons diversos que ela encontra na natureza, através dos recursos sonoros da flauta doce, estaremos favorecendo que a criança passe do jogo de exercício para a realização de jogos simbólicos, o que já conduz a um avanço no seu desenvolvimento cognitivo.



Fonte: Arquivos do PIBID Música da Universidade Federal do Espírito Santo

Referências

DECKERT, Marta. Construção do conhecimento musical sob uma perspectiva piagetiana: da imitação à representação. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 19, 93-102, mar. 2008.

JUSTI, Lilia do Amaral Manfrinato. Representações mentais em crianças quando aprendem a tocar instrumentos. **Revista Música e Linguagem**. v. 1, n.2, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), fev. 2013.

BRENELLI, Rosely Palermo. Aspectos figurativos e operativos do conhecimento nos jogos. In: MONTOYA, Adrián Oscar Dongo (org.). *Jean Piaget no século XXI: escritos de epistemologia e psicologia genéticas*. São Paulo: **Cultura Acadêmica**; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 87 a 94.

WEILLAND, Renate Lizana.; VALENTE, Tamara da Silveira. Aspectos figurativos e operativos da aprendizagem musical de crianças e pré-adolescentes, por meio do ensino de flauta doce. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, v. 17, 49-57, set. 2007.